

que o fabricante já não hesitaria, pois seria de seu interesse comprar a máquina e ter o trabalho realizado por 5 000 libras. Mas o preço da máquina não aumentaria? Não passará a valer também 5 500 libras, 500 libras em consequência do encarecimento do trabalho? Seu preço aumentaria se não houvesse capital empregado em sua construção, e se o seu construtor não auferisse lucro algum. Se, por exemplo, a máquina fosse o produto de cem trabalhadores, que nela trabalhassem um ano, com o salário de 50 libras cada um, sendo o seu preço, portanto, 5 000 libras, desde que os salários aumentassem para 55 libras, o preço passaria a ser 5 500 libras. Mas não é assim: os trabalhadores empregados seriam menos de cem, ou a máquina não poderia ser vendida por 5 000 libras, pois, além das 5 000 libras, deveriam ser pagos também os lucros do capital que empregou os trabalhadores. Suponhamos, portanto, que apenas 85 trabalhadores tenham sido empregados, a 50 libras cada um, o que equivale a 4 250 libras por ano, e que as 750 libras que a venda da máquina produziria acima dos salários adiantados aos trabalhadores constituíssem os lucros do capital do fabricante. Se os salários aumentassem 10%, ele seria obrigado a empregar um capital adicional de 425 libras, tendo de aplicar, portanto, 4 675 libras em vez de 4 250 libras, montante sobre o qual ele apenas obteria um lucro de 325 libras, se continuasse a vender sua máquina por 5 000 libras; este é, no entanto, o caso de todos os capitalistas e de todos os fabricantes, pois uma elevação de salários afeta a todos eles¹². Se, portanto, o fabricante da máquina aumentasse seu preço em consequência de um aumento de salários, uma quantidade anormal de capital seria empregada na construção dessas máquinas, até que seu preço propiciasse somente a taxa corrente de lucros¹³. Venhos, portanto, que as máquinas não aumentarão de preço em consequência de um aumento de salários.

Entretanto, o fabricante que, diante de um aumento geral de salários, pudesse utilizar uma máquina que não encarecesse a produção de mercadorias, gozaria de vantagens especiais se pudesse continuar cobrando o mesmo preço por seus produtos. No entanto, como vimos, ele seria obrigado a reduzir o preço de suas mercadorias, ou o capital fluiria para o seu setor até que os lucros baixassem ao nível geral. Assim, portanto, o público é beneficiado pela maquinaria: esses seres mudos resultam sempre de um trabalho muito menor do que aquele que substituem, mesmo quando têm o mesmo valor monetário. Mediante sua influência, um aumento no preço dos gêneros de primeira necessidade que provoque elevação de salários afetará um menor número de pessoas,

atingindo, como no caso que examinamos, 85 em vez de cem, e a economia resultante se expressa na redução do preço da mercadoria fabricada. Nem as máquinas nem as mercadorias por elas fabricadas aumentam em valor real, mas todas as mercadorias produzidas por máquinas diminuem, na proporção em que estas sejam duráveis.

Venhamos mais adiante que, nos estágios primitivos da sociedade, antes da utilização de muita maquinaria ou de muito capital durável, as mercadorias produzidas com capitais iguais terão aproximadamente o mesmo valor, e umas em relação às outras diminuirão ou aumentarão segundo mais ou menos trabalho seja necessário para produzi-las. Mas, depois da introdução desses instrumentos dispendiosos e duráveis, as mercadorias produzidas com o emprego de capitais iguais terão valores desiguais e, embora umas em relação às outras ainda possam aumentar ou diminuir na medida em que mais ou menos trabalho seja necessário para sua produção, elas estarão também sujeitas a uma outra variação, embora menor, causada pelo aumento ou pela diminuição dos salários e dos lucros. Como os bens vendidos por 5 000 libras podem ser o produto de um capital igual àquele com que são produzidos outros bens que se vendem por 10 000 libras, os lucros de sua fabricação serão os mesmos; mas seriam desiguais se os preços de tais bens não variassem com um aumento ou uma queda na taxa de lucro.

Percebe-se também que, na proporção da durabilidade do capital empregado em qualquer produção, os preços relativos das mercadorias nas quais se utiliza o capital durável deverão variar inversamente em relação aos salários; diminuirão quando os salários aumentarem, e aumentarão quando os salários diminuírem. Ao contrário, as mercadorias produzidas principalmente com trabalho e com menor capital fixo — ou com capital fixo de natureza menos durável que a média utilizada na estimativa do preço — aumentarão quando os salários aumentarem e diminuirão quando os salários diminuírem.

Seção VI

Sobre uma medida invariável do valor

Quando o valor relativo das mercadorias varia, seria importante dispor de meios para averiguar com certeza qual delas diminuiu e qual aumentou em seu valor real. Isso só seria possível pela comparação de cada uma delas com algum padrão invariável de medida de valor que não fosse, ele mesmo, sujeito às flutuações às quais estão expostas as demais mercadorias. É impossível obter tal medida, pois

não há mercadoria que não seja suscetível às mesmas variações como aquelas cujo valor deve ser verificado; ou seja, não há nenhuma que deixe de requerer mais ou menos trabalho para sua produção. Mas, se essa causa de variação no valor de uma medida pudesse ser removida — se fosse possível que, na produção do nosso dinheiro, por exemplo, fosse sempre requerida a mesma quantidade de trabalho —, ainda assim não teríamos um padrão ou medida invariável de valor perfeito, porque, como já tentei explicar, essa medida estaria sujeita a variações relativas provocadas por aumentos ou quedas de salários, segundo as diferentes proporções de capital fixo necessárias não só para produzi-la, como para produzir as demais mercadorias cujas mudanças de valor desejássemos verificar. Poderia estar sujeita, ainda, a variações provocadas pela mesma causa, segundo os diferentes graus de durabilidade do capital utilizado nela e nas demais mercadorias com as quais devêsse comparar-se ou ainda segundo o tempo necessário para colocá-la no mercado fosse mais ou menos longo que o requerido para colocar as outras mercadorias cuja variação tivesse de ser determinada. Todas essas circunstâncias desqualificam qualquer produto como uma medida perfeitamente precisa de valor.

Se, por exemplo, adotásssemos o ouro como padrão, é evidente que não se trataria senão de uma mercadoria obtida nas mesmas circunstâncias que qualquer outra, necessitando-se de trabalho e de capital fixo para sua produção. Como no caso de qualquer outra mercadoria, podem ser aplicados à sua produção aperfeiçoamentos que poupen trabalho e, conseqüentemente, seu valor relativo pode diminuir, em relação ao de outras mercadorias, unicamente segundo a maior ou menor facilidade com que possa ser produzida.

Supondo-se inexistente essa causa de variação e, portanto, que se necessita sempre a mesma quantidade de trabalho para obter a mesma quantidade de ouro, ainda assim o ouro não será uma medida perfeita de valor pela qual possamos, com exatidão, determinar as variações em todos os outros produtos, pois ele não seria produzido precisamente com as mesmas combinações de capital fixo e de capital circulante que seriam utilizadas em todos os demais; nem com capital fixo da mesma durabilidade; nem demoraria exatamente o mesmo tempo para ser colocado no mercado. Seria uma medida de valor perfeita para todas as coisas produzidas sob as mesmas circunstâncias em que ele próprio é produzido, mas para nenhum outro. Se, por exemplo, o ouro fosse produzido sob as mesmas circunstâncias que consi-

deramos necessárias para fabricar tecidos de lã e produtos de algodão, seria uma medida perfeita para esses produtos, mas não para o trigo, o carvão e outras mercadorias produzidas com menor ou maior porção de capital fixo, porque, como já vimos, qualquer alteração na taxa corrente de lucro teria algum efeito no valor relativo de tais mercadorias, independentemente de qualquer mudança na quantidade de trabalho empregada em sua produção. Se o ouro fosse produzido nas mesmas circunstâncias que o trigo, mesmo que tais circunstâncias nunca se alterassem, ele não poderia, pelas mesmas razões, ser sempre uma medida perfeita do valor dos tecidos de lã e dos produtos de algodão. Portanto, nem o ouro nem qualquer outra mercadoria pode ser uma medida perfeita do valor de todas as outras. Mas, como já mostrei, o efeito de uma variação dos lucros sobre os preços relativos das mercadorias é comparativamente pequeno, e o mais importante decorre principalmente das variações nas quantidades de trabalho necessárias para sua produção. Assim, supondo-se inexistente na produção de ouro essa importante causa de variação, possuímos certamente uma aproximação tão grande de uma medida-padrão de valor quanto se pode teoricamente conceber. Não poderia o ouro ser considerado como uma mercadoria produzida com as proporções dos dois tipos de capital mais próximas possíveis da quantidade média empregada na produção da maior parte das mercadorias? Não poderiam tais proporções ser tão aproximadamente equidistantes dos extremos — num dos quais se emprega pouco capital fixo, noutro pouco trabalho —, que seriam um justo meio-termo entre ambos?

Se, portanto, suponho possuir um padrão tão próximo do invariável, terei a vantagem de poder referir-me sobre as variações das outras coisas sem atrapalhar-me, a cada passo, com possíveis modificações no valor da medida com a qual o preço e o valor são estimados. Para facilitar então o objetivo desta análise, embora reconheça plenamente que o dinheiro feito de ouro é sujeito à maioria das variações que ocorrem com as demais coisas, admitirei que seu valor é invariável e, portanto, que todas as alterações de preço sejam ocasionadas por alguma mudança no valor das mercadorias das quais estiver tratando.

Antes de terminar essa questão, convém observar que Adam Smith e todos os autores que o seguiram, sem nenhuma exceção que eu saiba, sustentaram que um aumento no preço do trabalho seria uniformemente acompanhado por um aumento nos preços de todas as mercadorias. Espero ter conseguido mostrar que tal concepção não tem

fundamento, e que só aumentariam aquelas mercadorias nas quais se utiliza menos capital fixo que na medida-padrão pela qual se estima o preço, e que todas aquelas nas quais se empregasse mais capital fixo teriam seu preço positivamente reduzido quando os salários aumentassem. Ao contrário, se os salários diminuíssem, somente diminuiriam as mercadorias nas quais se empregou menor proporção de capital fixo do que aquela utilizada na medida-padrão pela qual o preço é estimado; aquelas em que maior proporção foi usada aumentarão positivamente de preço.

É conveniente observar também que eu não disse que, uma vez que se tenha empregado trabalho numa mercadoria, ao custo de 1 000 libras, e, em outra, ao custo de 2 000 libras, a primeira valerá 1 000 libras e a segunda 2 000 libras. O que afirmo é que o valor de uma estará para o de outra, assim como 2 está para 1, e que elas serão trocadas nessa proporção. Não tem qualquer importância, para a verdade dessa concepção, que uma dessas mercadorias seja vendida por 1 100 libras e a outra por 2 200 libras, ou uma por 1 500 libras e a outra por 3 000 libras. Não abordarei essa questão agora; afirmo somente que os seus valores relativos serão regulados pelas quantidades relativas de trabalho aplicadas na sua produção¹⁴.

Seção VII

Diferentes efeitos da alteração no valor do dinheiro, meio permanente de expressão do preço, ou da alteração no valor das mercadorias que o dinheiro compra

Embora, como já expliquei, eu venha a considerar o dinheiro como um valor invariável, com a finalidade de indicar mais claramente as causas das variações relativas no valor de outros produtos, pode ser útil observar os diferentes efeitos que resultarão das alterações dos preços das mercadorias pelas causas que já apontei — as diferentes quantidades de trabalho exigidas para produzi-las — e das alterações resultantes de uma variação no valor do próprio dinheiro.

Sendo o dinheiro uma mercadoria variável, o aumento dos salários monetários será frequentemente ocasionado por uma diminuição no valor do dinheiro. Um aumento de salários resultante dessa causa será efetivamente acompanhado por uma elevação no preço das mercadorias, mas, em tais casos, verificaremos que o trabalho e todas as mercadorias não terão variado — o primeiro em relação às últimas — e que a variação se limitou ao dinheiro.

Sendo o dinheiro uma mercadoria obtida de um país estrangeiro, sendo o meio geral de trocas entre países civilizados e sendo também distribuído entre os países em proporções sempre cambiantes, de acordo com os aperfeiçoamentos introduzidos no comércio e na maquinaria, e com a dificuldade cada vez maior de obter alimentos e bens de primeira necessidade para uma população crescente, é ele sujeito a incessantes variações. Ao estabelecer os princípios que regulam o valor de troca e o preço, deveríamos distinguir cuidadosamente entre aquelas variações que pertencem à própria mercadoria e aquelas ocasionadas por uma variação na medida utilizada para estimar o valor ou na qual se expressa o preço.

Um aumento nos salários, resultante de uma alteração no valor do dinheiro, produz um efeito geral sobre os preços e, por essa razão, não provoca nenhum efeito real sobre os lucros. Ao contrário, um aumento salarial resultante do fato de serem os trabalhadores mais liberalmente remunerados, ou de uma dificuldade de obter os gêneros de primeira necessidade nos quais os salários são gastos, não provoca, exceto em algumas situações, uma elevação nos preços, podendo, sim, resultar numa redução dos lucros. No primeiro caso, a proporção do produto¹⁵ anual do país destinada ao sustento dos trabalhadores não sofre nenhum aumento; no segundo, uma parcela maior é dedicada a esse fim.

É de acordo com a distribuição da produção total de uma fazenda entre as três classes — o proprietário da terra, o capitalista e o trabalhador — que devemos julgar se houve aumento ou diminuição da renda, do lucro e dos salários, e não segundo o seu valor calculado por intermédio de uma medida reconhecidamente variável.

Não é pela quantidade absoluta do produto obtida por cada classe que avaliamos com exatidão a taxa de lucro, de renda e de salários, mas pela quantidade de trabalho necessária para a obtenção daquele produto. O produto total pode ser duplicado mediante aperfeiçoamentos na maquinaria e na agricultura, mas, se os salários, a renda e o lucro também duplicarem, os três conservarão as mesmas proporções entre si, e nenhum terá variado em termos relativos. Mas, se os salários não participassem da totalidade daquele aumento, e se, em vez de duplicarem, crescessem apenas 50%, enquanto a renda se elevasse em 75% e todo o resto do acréscimo sobrasse para o lucro, eu poderia dizer que a renda e os salários diminuiriam enquanto os lucros aumentariam; se tivéssemos um padrão invariável para medir o valor

do produto, veríamos que um valor menor coube aos trabalhadores e aos proprietários de terra, enquanto um valor maior do que antes foi dado à classe dos capitalistas. Poderíamos verificar, por exemplo, que, embora a quantidade absoluta de mercadorias tenha duplicado, elas seriam o produto exatamente da mesma quantidade de trabalho anteriormente utilizada. De cada cem chapéus, casacos e *quarters* de trigo produzidos, se

os trabalhadores obtinham antes	25
os proprietários da terra	25
e os capitalistas	50
	<hr/> 100

E se, depois de duplicada a quantidade de tais produtos, de cada 100

os trabalhadores recebessem somente	22
os proprietários da terra	22
e os capitalistas	56
	<hr/> 100

Nesse caso, eu diria que os salários e a renda diminuiram e que os lucros aumentaram; apesar de que, em consequência da abundância de mercadorias, a quantidade paga ao trabalhador e ao proprietário da terra tenha aumentado de 25 para 44¹⁶. Os salários devem ser estimados por seu valor real, isto é, pela quantidade de trabalho e de capital empregados para produzi-los, e não pelo seu valor nominal em chapéus, casacos, dinheiro ou cereal. Nas circunstâncias que acabei de colocar, as mercadorias também teriam diminuído para a metade de seu antigo valor e, se o dinheiro não tivesse variado, teriam diminuído também, para a metade de seu preço anterior. Se, portanto, em relação a esse padrão que não variou de valor, os salários do trabalhador evidenciassem uma redução, não se trataria de uma queda real, pois eles poderiam proporcionar ao primeiro uma quantidade de mercadorias baratas maior do que a proporcionada pelos salários anteriores.

A variação no valor do dinheiro, embora grande, não afeta a taxa de lucros, supondo-se que as mercadorias do fabricante subam de 1 000 libras para 2 000 libras, isto é, 100%, e que o seu capital, que sofre, tanto quanto o produto, os efeitos da variação do dinheiro, sua maquinaria, suas edificações e seu capital em circulação também au-

mentem 100%, sua taxa de lucro permanecerá a mesma, e ele obterá a mesma quantidade, e não mais, do produto do trabalho do país.

Se, com um capital determinado valor, ele pode, pela economia de trabalho, duplicar a quantidade do produto, e se o preço deste cai à metade do anterior, o capital participará no produto na mesma proporção de antes, e consequentemente a taxa de lucro permanecerá a mesma.

Se, ao mesmo tempo que duplica a quantidade de produto pelo emprego do mesmo capital, o valor do dinheiro, por alguma circunstância, se reduz à metade, o produto será vendido pelo dobro da quantidade de dinheiro pela qual era anteriormente vendido; mas o capital empregado para produzi-lo também terá o dobro do valor monetário anterior. Também nesse caso, portanto, o valor do produto manterá a mesma proporção de antes em relação ao valor do capital, e, embora o produto tenha duplicado, a renda, os salários e os lucros variarão somente na medida em que variarem as proporções em que o produto duplicado possa dividir-se entre as três classes que dele partilham.

Notas

¹ SMITH, Adam. *Wealth of nations*. Livro Primeiro, cap. IV. (N. da Ed. Inglesa.)

² Id., *ibid.*, Livro Primeiro, cap. V.

³ MALTHUS, Robert. *Principles of political economy*. Cap. II. (N. da Ed. Inglesa.)

⁴ *Ibid.*, cap. III, seção VIII. (N. da Ed. Inglesa.)

⁵ *Bushel e quarter*, como aparecimento nas páginas seguintes, são medidas inglesas de capacidade para cereais, sendo o primeiro equivalente a 36,367 litros e o segundo a oito vezes mais. (N.E.)

⁶ "Mas, embora o trabalho seja a medida real do valor de troca de todas as mercadorias, não é por ele que esse valor é comumente estimado. Em geral, é difícil verificar a proporção entre duas quantidades de trabalho. O mesmo tempo gasto em duas diferentes classes de tarefas nem sempre bastará para determinar aquela proporcão. Os diferentes graus de esforço e de habilidade devem ser levados em conta. Pode haver mais trabalho numa hora de atividade pensosa do que em duas horas de atividade fácil, ou numa hora de dedicação a um ofício que se leva dez anos de esforço para aprender, do que num mês de trabalho numa atividade comum e simples. Mas não é fácil encontrar uma medida precisa tanto para o esforço quanto para a habilidade. Quando se trocam, de fato, os diferentes produtos de diferentes tipos de trabalho, alguma concessão é feita entre ambos. Tal ajuste, entretanto, não se processa por uma medida precisa, mas pelo regateio e pela barganha que se operam no mercado, segundo aquela classe naturalmente de igualdade que, embora não seja exata, basta para conduzir os negócios na vida cotidiana." SMITH, Adam, op. cit., Livro Primeiro, cap. X^o.

* A passagem acima encontra-se na realidade no Livro Primeiro, cap. V; no entanto, no capítulo X, Smith desenvolve uma longa discussão sobre o mesmo tema. (N. da Ed. Inglesa.)

7 SMITH, Adam, op. cit., Livro Primeiro, cap. X.

8 A primeira e a segunda edições começam esse parágrafo com uma passagem adicional: "Pode-se ver, pela citação de *A riqueza das nações* que fiz na página 13, que, embora Adam Smith reconheça plenamente o princípio de que as proporções entre as quantidades de trabalho necessário para adquirir objetos diferentes sejam a única circunstância que pode proporcionar uma regra para a nossa troca de um por outro, ele limita, no entanto, a aplicação desse princípio 'àquele primitivo e rude estado da sociedade que antecede tanto a acumulação de capital como a apropriação da terra', como se, quando tiverem de ser pagos lucros e renda da terra, estes tivessem alguma influência sobre o valor relativo das mercadorias.

Adam Smith, no entanto, não analisou em lugar algum os efeitos da acumulação de capital e da apropriação da terra sobre o valor relativo. É importante, todavia, determinar em que medida os efeitos — reconhecidamente produzidos sobre o valor de troca das mercadorias pela quantidade comparativa de trabalho empregada na sua produção — são modificados ou alterados pela acumulação de capital e pagamento da renda da terra.

Primeiro, em relação à acumulação de capital. Mesmo", etc.

Esse "Primeiro" deve ser relacionado à frase "Resta considerar, no entanto", que abre o capítulo "Sobre a renda da terra", p. 65.

9 Unidade monetária inglesa, a libra (£) subdividia-se então em 20 xelins (s) e cada xelim, por sua vez, subdividia-se em 12 *pence* (d). (N.E.)

10 Divisão não-essencial, e cuja linha de demarcação não pode ser precisamente traçada.

11 Ricardo faz referência ao exemplo anterior em que a máquina e o produto do fabricante de tecidos e a máquina e os produtos do fabricante de artigos de algodão valiam duas vezes mais do que o trigo. (N.T.)

12 Ricardo supõe que a concorrência entre capitalistas faria com que a taxa de lucro corrente se reduzisse de 10% para 6,5% (325/5 000%), porcentagem que passaria a ser a nova taxa corrente de lucro. (N.T.)

13 Vemos aqui por que os países antigos são induzidos a empregar maquinaria, e os novos a utilizar trabalho. Qualquer dificuldade de prover o sustento dos trabalhadores faz o trabalho necessariamente aumentar, e, a cada aumento no preço do trabalho, novas tentativas se oferecem para o uso de maquinaria. Essa dificuldade de prover o sustento dos trabalhadores ocorre constantemente nos países antigos. Nos novos, ao contrário, pode-se verificar um grande aumento populacional, sem o menor encarecimento nos salários. Pode ser tão fácil sustentar 7, 8 ou 9 milhões de homens quanto 2, 3 ou 4 milhões.

14 A respeito dessa concepção, Malthus observa: "Podemos, de fato, arbitrariamente chamar o trabalho empregado numa mercadoria de seu valor real, mas, dessa forma, usamos as palavras num sentido diferente daquele em que são geralmente usadas. Acabamos no mesmo tempo com a importantíssima distinção entre *custo* e *valor*, e

toramos quase impossível explicar, com clareza, o principal estímulo para a produção de riqueza, que efetivamente depende dessa distinção".*

Malthus parece pensar ser parte de minha concepção que o custo e o valor de uma coisa devem ser os mesmos; e assim é, se, por custo, ele quer dizer "custo de produção", nisso incluindo-se os lucros. Na passagem anterior, não é isso que ele quer dizer e, portanto, ele não me entendeu claramente.

* MALTHUS, T. R., op. cit., cap. II, p. 30. (N. da Ed. Inglesa.)

15 A palavra utilizada por Ricardo é *labour* ("trabalho"). No entanto, na sentença o sentido é de "produto" ou "produto do trabalho". (N.T.)

16 Nesse segundo caso, os trabalhadores e os proprietários de terra teriam recebido em termos absolutos 44 unidades das duzentas produzidas. Ou melhor, o aumento da participação dos trabalhadores e proprietários de terra teria aumentado em termos absolutos, mas diminuído em termos relativos. (N.T.)